A crise revolucionária não é uma falência definitiva—O futuro é dos ideais avançados

Não exultem, porêm, as classes conservadoras que confiam na recrudescência das suas ideas e contam com a falência do ideal socialista e libertário. Esta crise revolucionária passará como um eclipse sôbre a história da humanidade. Apagados os entusiasmos patrióticos, constrangida a reflectir amarguradamente sôbre a sua situação, a consciência entorpecida dos povos despertará. E constatada a falência económica e política do regime burguês, demonstrada a sua incapacidade para satisfazer as necessidades reais da colectividade e para garantir a paz e a liberdade dos povos, as fôrças socialistas tornar-se hão os factores do desenvolvimento do porvir.

Desiludido, por esta guerra, da eficácia de tôda essa série de disposições governativas, tais como arbitragem, «ententes», alianças ofensivas e defensivas, e tribunais de paz, o povo surgirá, com mais desenvolvimento de fôrça e consciência, para realizar o seu grande dever histórico: a libertação do proletariado, como obra dos proletários unidos de todos os países.

O espírito do internacionalismo renascerá robustecido, unindo os proletários separados internacionalmente dos seus irmãos, pela guerra.

E assim o recuo sofrido na organização operária e na propaganda dos ideais de emancipação, será vantajosamente compensado pelo avanço que a dura lição sofrida lhes impulsionará, de modo que, *al fin y al cabo*, esta guerra apenas terá conseguido apressar o ocaso da sociedade burguesa e aproximar a humanidade da sociedade libertária.

«Anárquico é o pensamento e para a Anarquia caminha a História.» Não é isto uma frase. É a conclusão a que se é forçoso chegar quando se prescruta a marcha evolutiva da humanidade e se compreende a revolução que dormita nas profundezas da alma dos povos.

Nas horas vagas...

Apanhado em flagrante delito de contradição, um guerrista qualquer, dando-se ares de pessoa inteligente, chama-me «néscio». Está no seu direito e eu não me zango com isso. O que lamento deveras é que, num país como o «nosso», onde abundam os *sábios* da laia daquele puritano do anarquismo, eu ainda não me tivesse feito *sábio* como êle. Será porque não tenho ligações nem compromissos directos ou indirectos com os Ir.·. do sr. Magalhães Lima?

Por causa dum manifesto contra a guerra foram presos, em Setubal, diversos camaradas. Após oito dias de prisão pronunciaram-nos e mandaram-nos embora, excepto ao correspondente de *A Aurora*, o nosso camarada José Artur Quaresma que, para recuperar a liberdade teve de arranjar um fiador a 1.000$00 escudos! Como os tempos que correm, no dizer do lunático mór do evolucionismo, são da mais estreita *ónion çagrada* e da tolerância mais absoluta, aquele caso é bem típico. Não é verdade, ó senhores guerristas?

A Junta Patriótica do Norte, instituição muito útil à defesa dos interesses capitalistas, conclui assim o seu quarto manifesto: *Um por todos; todos por um.* Em boa linguagem chama-se a isto chuchar com a tropa. Eles bem vêem a *farturinha* que por aí vai; mas fazendo-se Matias, pretendem obrigar os trabalhadores a defender e a aplaudir os senhorios que os sugam, os patrões que os exploram e os mercieiros-assambarcadores que os roubam. Também se não fosse para isso, não se fundava a Junta.

Operários! Abri os olhos e mandai-a abaixo de Braga...

Qualquer, que ontem era um ardente puritano da anarquia e hoje é um assanhado guerrista, puxado à baila foge pela tangente. Ora em face da sua resposta e como êle agora é um inseparável companheiro daquele escritor muito fértil em palavras terminadas em *ite*, eu ensarilho os braços e mostro-lhe as armas de S. Francisco...

Até vêr.

PEDRO GUIMARÃES.

Sermões ao ar livre

Quem leu a Bíblia há-de ter notado a facilidade com que Deus se irrita, é tomado de grandes cóleras, é presa de terríveis acessos de furor, cujas conseqüências nem sempre são benignas para os desgraçados filhos dos homens.

Teem-se escrito grossos e eruditos volumes para demonstrar a loucura de Jesus ou a epilepsia de Napoleão, as manias de Rousseau ou as taras de lord Byron, e de muitos outros grandes homens ou ficções enormes...

Creio, porêm, que ainda nenhum poderoso sábio se lembrou de consagrar o seu precioso tempo à paciente investigação dos documentos e testemunhos comprovativos do desarranjo psicopático do velho Jeová ou Iaveth hebraico.

De que espécie de epilepsia, de que mal obscuro e arripiante terá sofrido a infeliz divindade? E terá sido mal hereditário?

Problema que ouso propôr às profundas meditações dos psiquíatras desocupados e às dos desocupadíssimos teólogos, que na sua solução teriam talvez a chave do outro magno problema da existência do mal sôbre a Terra e das imperfeições dos homens, criaturas de Deus: esta bola, reconhecido vale de lágrimas, teria sido feita durante um terrível acesso de epilepsia divina.

ZENO VAZ.

POR LISBOA

SOCIALISTAS POLÍTICOS

Da mesa da assembleia geral da Associação de Classe dos Condutores de Carroças recebemos uma interessante carta, assinada por José Henriques intimando-nos a rectificar o seguinte periodo de um artigo publicado no n.º 33 da «Aurora», artigo referente à greve dos condutores de carroças:

«E da pústula ascorosa de tôda essa gangrena social jorra um pus ainda mais nauseante que provoca vómitos. Socialistas (politicos) cotados na organização operária, com responsabilidades adentro da mesma organização, ao lado desses desgraçados, aliás desculpáveis pela ignorância, de guias na mão, protegidos pela fôrça, atraiçoam miseràvelmente, desavergonhadamente os seus irmãos...»

A que propósito veem, a mesa e o comité grevista, tam ardentemente defender o sr. Maximiano Marques, sabendo essas entidades que o artigo não se refere a êsse senhor? Diz-nos ainda a carta que a classe não admite a quem quer que seja que se intrometa na sua causa associativa, o que nos demonstra má interpretação na leitura do artigo, pois que êle se refere elogiosamente à classe, ficando-nos todo o direito de atacarmos rigorosamente todos os individuos que tentaram turar a greve, digam-se là o que se disserem.

A organização operária não se restringe à associação dos condutores de carroças, mas a um agregado nacional e internacional de tôdas as classes como tem sido acordado em todos os congressos operários, ficando na contingência da censura colectiva de tôda a organização aquela classe que prevarica sôbre o acôrdo tomado. Nessa contingência se encontra actualmente a referida associação, conservando ainda no seu seio, e na qualidade de presidente da direcção, o sr. Maximiano Marques, cuja perma-

No Ecran

Da Cochinchina

IV

ainda ontem? Patife! patife! patife! e bate com os pés na lage a acompanhar cada maldição proferida.

—Corta-se-lhe uma orelha.

—Parte-se-lhe a cabeça!

—Esgana-se êsse biltre, êsse explorador.

O escandalo desenvolve-se, o povo aglomera-se, os apartes cruzam-se, a indignação cresce. O mercieiro, desesperado, agride uma das manifestantes, que rebola pelo chão adiante até à rua, tôda descomposta, pernas ao ar até à cintura.

Foi como um lume lançado a um barril de pólvora: a multidão explodiu. Aquele insignificante incidente serve de prólogo ao motim. Há ocasiões em que do mais leve pretexto nasce uma Revolta. Esta foi uma delas, e assim o borborinho rebentou terrivel. Homens, mulheres e crianças, num torvelinho medonho, correm a armar-se de machados, de facas de cosinha, de paus, de espingardas caçadeiras e outras, de révólveres, de pistolas, de pedras, de ferros, em forma de lanças. A mercearia é atacada com fúria, no meio dum marulhar semelhante ao do mar da China encapelado e quando bate de encontro ao fraguedo. Um grupo de individuos, talvez desses revolucionários que sempre se sacrificam pela Humanidade oprimida, consegue cortar os fios telefónicos e telegráficos, subindo aos muros, trepando aos postes, alcandorando-se com a agilidade do gato nos canos vindos dos beirais, depois de examinados rápidamente, ou então subindo aos andares de qualquer vizinho e conhecido. Quando estes lances se tornam impossíveis, com uma corda fina mas forte e com uma pedra seguramente atada a uma das extremidades, como os rapazes com os réus-réus, singra em direcção aos fios, no ponto mais baixo, a pedra presa ao cordel forte, que se enrodilha no de cobre. Depois os revolucionários puxam com violência, partindo-se os fios como se fossem cordas de viola, que se arrastam pelos telhados.

Todos os estabelecimentos são assaltados, mesmo à vista de alguns policias de giro, que foram desarmados e são impelidos pelo multidão insurreccionada a acompanhá-la na sua reivindita.

A luta generaliza-se por todo o bairro. Tudo em pé de guerra. Os balcões são estilhaçados e deitados à rua e todo o vazilhame encontrado nos lotes ou fora deles é arremessado violentamente sobre o caminho, fazendo-se em cacos e entornando-se os vinhos e os bagaços